FIM DO JEJUM

O forte recado de Leão XIV a Milei

O papa iniciou ontem visita à Argentina, quebrando um hiato de 39 anos sem um pontífice no país. No primeiro discurso, o sumo pontífice defendeu o respeito à oposição, a democracia e a responsabilidade na comunicação oficial dos governantes

Vindo do Uruguai, o papa Leão XIV desembarcou ontem à tarde em Buenos Aires, marcando o fim de um jejum de 39 anos sem a visita de um pontífice à Argentina. O papa Francisco nunca foi à Argentina nos 12 anos de papado. Ele temia que sua figura fosse manipulada por diferentes correntes políticas em meio às crises e disputas internas do país (envolvendo governos como os de Kirchner, Macri, Fernández e Milei).

Às 16h35 (horário local e de Brasília), a aeronave pousou no aeroporto da capital, onde o Santo Padre foi recepcionado ao pé da escada pelo presidente Javier Milei e pela secretária-geral da Presidência, Karina lei, ambos vestidos de preto. A Argentina é a segunda parada do giro sul-americano do líder católico, que ainda seguirá para o Peru.

Leão XIV iniciou sua viagem de 12 dias pela América do Sul apenas três semanas após passar por uma cirurgia de câncer de pulmão. O pontífice, que foi missionário na região por duas décadas, permanecerá na Argentina até a próxima quarta-feira.

Em Buenos Aires, após homenagear o herói da independência na Praça San Martín, o líder da Igreja Católica foi recebido pelo presidente Javier Milei na Casa Rosada. Em seu discurso inicial para autoridades e diplomatas, Leão XIV destacou o "significado particular" de sua visita, pontuando que faz o "caminho inverso" de seu antecessor.

Ele aproveitou a ocasião para cobrar integridade e combate à corrupção dos governantes locais. Em um recado implícito a Milei — conhecido pelos ataques a opositores e a jornalistas —, o papa defendeu o respeito à dissidência e o zelo na comunicação pública, afirmando que a democracia se fortalece na escuta e na busca por consensos. "A democracia também se fortalece na forma cotidiana de agir na vida pública: na disposição de escutar, no cuidado com a palavra, na busca paciente de acordos e na capacidade de reconhecer em quem pensa de forma diferente um compatriota com quem se compartilha um mesmo destino." Advertiu que a economia deve estar a serviço das pessoas e pediu que o crescimento econômico chegue aos mais necessitados. "É preciso favorecer tudo o que crie oportunidades, estimule a iniciativa privada e permita que o crescimento alcance também aqueles que enfrentam maiores dificuldades. A economia deve estar a serviço da pessoa, e não a pessoa a serviço da economia", afirmou.

O sumo pontífice permanecerá até a próxima quarta-feira no país, onde celebrará três missas multitudinárias, visitará um lar para pessoas com deficiência, uma prisão e o santuário de Luján, o principal destino de peregrinação católica.

Em meio à visita, a Polícia Federal argentina informou, ainda no sábado, que um suspeito de 49 anos foi preso por supostamente ameaçar matar o papa Leão XIV antes da visita do pontífice ao país, disseram as autoridades no sábado. Segundo a PF, foram realizadas operações de campo, vigilância secreta e interceptações telefônicas.

Nas ruas de Buenos Aires, havia pouco entusiasmo com a chegada do papa, um sinal da perda de peso da Igreja na Argentina. Em uma pesquisa recente da Universidade de Buenos Aires, apenas 57,7% dos consultados se declararam católicos. Poucos dos entrevistados pela AFP tinham previsto assistir à missa multitudinária ao ar livre que o papa vai celebrar na segunda-feira na capital. "Acho que é algo importante em nível cultural e religioso para a Argentina, mas, honestamente, para mim não significa muito", disse Brandon González, de 27 anos.

Luis Robayo/ AFP



O papa Leão XIV (E) e o presidente argentino Javier Milei durante cerimônia de boas-vindas no Aeroporto de Buenos Aires: agenda com idosos, pessoas com deficiência e presos

Proteção aos vulneráveis

Durante sua visita de quatro dias à Argentina, Leão XIV visitará idosos, pessoas com deficiência e presos. Espera-se que ele peça mais proteção aos mais vulneráveis após os cortes de Milei, que deixaram milhões de pessoas apenas com o suficiente para sobreviver.

"Eu gostaria que ele tivesse uma mensagem comprometida", disse à AFP Susana Arauz, uma advogada de 75 anos. "A Igreja tem um papel muito importante e, nesse momento, temos um governo despótico em relação aos desamparados", acrescentou.

Milei chegou ao poder com a promessa de reativar a enfraquecida economia argentina e conter a inflação desenfreada por meio da redução do Estado de bem-estar social. Seus cortes afetaram em particular os hospitais públicos, as universidades, a pesquisa científica, a cultura e os aposentados. A taxa de pobreza registrou fortes oscilações desde que Milei assumiu a Presidência. Em setembro, subiu para 32,3%.

Ainda no domingo, antes de partir para a Argentina, o papa celebrou uma missa ao ar livre na Flórida, 100 km ao norte de Montevidéu, no Uruguai. Pediu aos homens que tratem suas esposas "com respeito" em uma região onde 11 mulheres, em média, são assassinadas por dia pela violência de gênero.

Ernesto Benavides/ AFP



À espera: amuletos, flores e cerimônias tradicionais

Xamãs em rituais

Com flores coloridas, folhas de coca, amuletos e fotografias do papa Leão XIV desembarcando de um avião, um grupo de xamãs peruanos realizou, neste domingo (8), um ritual para dar as boas-vindas ao sumo pontífice antes de sua visita ao Peru. Vestidos com trajes tradicionais de lã, sete xamãs vindos da serra, da floresta e do litoral peruanos invocaram o 'Tayta Inti' (Pai Sol) e pronunciaram feitiços a favor do sumo pontífice, após consumirem ayahuasca, uma bebida com propriedades alucinógenas.

"Fizemos esse ritual para dar as boas-vindas ao papa Leão XIV em sua volta para casa", disse à AFP o curandeiro Félix Roldán. Nascido nos Estados Unidos, o papa passou quase duas décadas no Peru como missionário, onde forjou um vínculo profundo e obteve a cidadania peruana.

Um altar colorido foi instalado em uma praia da Costa Verde da capital peruana. No centro, foram colocadas duas fotografias de Leão XIV com a cidadela inca de Machu Picchu como pano de fundo.

Os curandeiros lançaram chicha de jora (bebida fermentada de milho) e pétalas de flores sobre as fotografias, enquanto um deles fazia soar uma concha marinha. "Estamos mandando boas energias para que ele se mantenha estável em sua saúde e continuar percorrendo o mundo", afirmou Roldán. Leão XIV visitará no Peru as cidades de Lima, Chiclayo, Cusco e Pucallpa entre 11 e 16 de novembro.

CRISE HISTÓRICA

Líder opositor faz duras acusações contra Netanyahu

Ao ser encarregado, na manhã de ontem, do novo governo israelense, o líder da oposição Gadi Eisenkot, de 66 anos, deixou a porta aberta para incluir o partido de Benjamin Netanyahu na coalizão. Apesar do gesto, o ex-general — que garantiu 67 votos no Parlamento ante 46 do rival, doze dias após as eleições de 27 de outubro — responsabilizou o premiê em fim de mandato por mergulhar o país em uma crise histórica.

Logo após receber Eisenkot na residência presidencial em Jerusalém, o presidente israelense cobrou a estruturação de um governo de união nacional. Sob a ótica do mandatário, a estabilidade do país depende de uma liderança disposta a dialogar com todas as vertentes sociais, governando para aliados e rivais políticos. Ele reforçou esse posicionamento ao declarar publicamente: "O Estado de Israel precisa de um governo estável. Eisenkot, espero que faça todo o possível para formar um governo que sirva tanto àqueles que votaram no senhor quanto àqueles que não votaram".

Em seguida, o líder opositor centrista mostrou-se disposto a incluir em sua coalizão membros do Likud, de Netanyahu, mas também do Partido Sionista Religioso, uma legenda de extrema-direita liderada pelo ministro das Finanças em fim de mandato, Bezalel Smotrich.

Unidade

"Se os membros do Likud e do Partido Sionista Religioso acreditam realmente que este é um momento para a unidade, como disseram ao presidente, não vejo motivo para que não apoiem um governo liderado por mim e os princípios que apresentei", afirmou Eisenkot.

"Estamos em estado de emergência e nos aproximamos de um ponto sem volta para o Estado de Israel", alertou, defendendo medidas políticas "criativas e pouco convencionais". Gadi Eisenkot tem 28 dias para formar uma coalizão, prazo que pode ser prorrogado por mais 14 dias. Se ele fracassar, outro político poderá ser designado para formar o governo e, caso o impasse persista, será necessário convocar novas eleições.

Ilia Yefimovich / AFP



Isaac Herzog (D) e Gadi Eisenkot: mandato assinado

Os partidos que o apoiam estão unidos no desejo de pôr fim às duas décadas de mandato de Netanyahu, mas vêm de um amplo espectro político e não concordam quanto à composição do futuro governo. Eles divergem, em particular, sobre as duas principais listas de maioria árabe, que conquistaram 19 das 120 cadeiras no Knesset, o Parlamento israelense. O apoio delas a Eisenkot poderia ser decisivo, mas vários de seus aliados recusam-se a depender de seus votos.

Em uma sociedade ainda traumatizada pelo ataque do movimento islamista Hamas em 7 de outubro de 2023, uma cooperação com os partidos que representam os palestinos de Israel incomoda uma parcela do eleitorado judeu. Os árabes-israelenses são descendentes de palestinos que permaneceram no território após a criação de Israel, em 1948, e representam cerca de 20% da população.

As divergências podem levar Eisenkot a tentar formar um governo minoritário, ou seja, sem o apoio de mais da metade dos 120 deputados. De fato, ele defendeu a formação de um "governo de emergência nacional", o que sugere essa possibilidade. Nesse cenário, apenas os 48 deputados de seu bloco votariam a favor de seu governo, em comparação com os 46 fiéis a Netanyahu. Os outros 26, oriundos de partidos árabes e de uma legenda ultraortodoxa, não votariam a favor do voto de confiança ao seu governo.

Um governo apoiado por apenas 48 deputados seria muito frágil e obrigaria a negociar cada lei, disse à AFP Assaf Shapira, cientista político do Instituto Israelense para a Democracia. As negociações também poderiam resultar em um peso maior para as legendas árabes ou ultraortodoxas. "Atravessamos um dos períodos mais críticos que a democracia israelense já conheceu", afirmou, ontem, Eisenkot.

Herzog destacou os desafios diplomáticos que Israel enfrenta, especialmente após as eleições de meio de mandato nos Estados Unidos, nas quais os democratas conquistaram a maioria em ambas as casas do Congresso.